

“O Centenário da Origem das Espécies”

CLAUDIONOR LUTTGARDES CARDOSO DE CASTRO

Acabamos de ler a obra “O Centenário da Origem das Espécies”, do nosso confrade Bandeira de Mello (Manoel Caetano), editada como comemoração do D.A.S.P. ao transcurso dos cem anos da enunciação da célebre teoria de Charles Darwin.

A profundidade e a erudição com que foi essa teoria analisada e comentada falam, por si só, da envergadura do intelectual que é Manoel Caetano Bandeira de Mello. Classifica êle, ao final de seu alentado trabalho, a obra de Darwin como “o mais prodigioso “show” de conhecimentos objetivos que um homem sozinho jamais montara”. “Show” de conhecimentos objetivos, é, também, sem dúvida, o livro de Manoel Caetano Bandeira de Mello.

Desde o comêço, quando mostra a nova era surgida para a Ciência com o aparecimento do “On the Origin of Species by means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life”, a 24 de novembro de 1859, pelo estabelecimento da doutrina da evolução orgânica em base inteiramente científica, tão confirmada pelos estudos paleotológicos, o Autor demonstra a cuidadosa e percuciente leitura e o acurado estudo que tem do assunto, que, ventilado da maneira por que o foi, evidencia não se tratar de matéria para êle nova ou dêle pouco conhecida, especialmente pelas ilações que tira das assertivas e conclusões darwinianas.

Em seguida, relatando o eclodir de uma tempestade de polêmicas, pelo autor classificada de “carnificina de idéias” e culminada com a que se feriu entre Herbert Spencer e August Weismann, na “Contemporary Review”, podcemos atingir um dos pontos altos do livro, que é do princípio ao fim, uma lição das teorias evolucionistas pelo menos para nós, das mesmas cientes quase que só pelas tinturas que receberamos na escola e pelos poucos livros ou opúsculos referentes à matéria e que porventura nos passaram pelas mãos.

Parte interessante (como tantas outras) dessa obra é a que se reporta ao histórico da questão. Sem tirar o mérito de Darwin, conta como a idéia do desenvolvimento progressivo das espécies já era acalentada na antiga Grécia, por Aristóteles e Empedocles, personagens que já acreditavam numa gradação perfeita na natureza, num desenvolvimento progressivo correspondente à existência progressiva da alma. Continua, depois, essa idéia a correr o mundo no tempo, ao passar por Bacon, ao se comprovar a existência da variação entre os animais: Descartes para quem Deus existe porque em sua mente cogitava da perfeição divina; Leibnitz, com a doutrina sôbre a continui-

dade das formas de vida; Spinoza, Pascal, para chegar nessa longa viagem, ao imortal Newton, sem deixar de passar por Buffon com a sua concepção pré-malthusiana da luta pela existência mediante a eliminação das espécies menos aperfeiçoadas e o confronto entre a fecundidade de certas espécies e sua constante destruição.

O que mais agrada ao se ler Manoel Caetano Bandeira de Mello é a maneira simples mas penetrante com que enuncia grandes (e corajosas) verdades. Quando faz um histórico ensina-nos; mas emgolga-nos ao expressar seu ponto-de-vista a respeito de velhos e debatidos problemas (nem por isso menos palpantes). Aí vão ao acaso algumas das verdades a que nos referimos: "na natureza não devemos buscar milagres"; devemos, sim, buscar leis"; "... mas acontece que as idéias podem mais do que os autores das idéias"; "... quando as idéias persistem assim sem combinação prévia no consenso das inteligências mais altas, é porque se tornou inegável a verdade de que se carregam"; "quanto sacrifício silencioso não terá havido, da parte de espíritos sinceros e profundamente religiosos, inibidos. no entanto, de contribuírem para o progresso no desvendamento das leis naturais"; "não estão os nossos tempos limpos de obscurantismo". E aqui ficaríamos transcrevendo o livro todo, se prosseguíssemos na citação das passagens lapidares dessa obra maravilhosa e oportuna.

Mas os dados para conhecimento também vêm aos montes. E é aí que nos fala o autor do grande mérito de Darwin, que não foi o de enunciar sua teoria evolucionista, pois "longa e impressionante é a lista de seus antecessores", como ficou dito antes, mas o de tornar popularizada tal idéia, retirando-a do conhecimento de uma meia dúzia de pessoas, para lançá-la à grande massa humana até então da mesma desconhecida, com o que logrou vencer a fanática resistência até então encontrada. A mesma e respeitosa admiração que nutre Manoel Caetano Bandeira de Mello por Darwin, ao falar de sua obra, nutrimos nós por ele, ao dizer, com aquêle seu espírito livre, da necessidade de se remover "o entulho de preconceitos e as concepções retrógradas que encobrem determinados assuntos", como por exemplo, o do primeiro surgimento das espécies, até hoje explicado (?) por meio de histórias dogmáticas de carochinhas.

Fala-nos, depois, o autor do fenômeno da hereditariedade, através de Lamark, Galton, Mendel, Scheinfeld, e, finalmente, o próprio Darwin, que afirmou "estar mais do que provado que o cruzamento de indivíduos ou raças ligeiramente diversos uns dos outros, geralmente produz uma prole mais vigorosa", sentença do máximo valor para nós, brasileiros, filhos de uma democracia racial, onde no momento se procura erigir uma grande nacionalidade através da valorização do nosso homem, elemento derivado, precisamente, dessa caldeamento de raças e valores humanos diversos, que outros estudiosos tanto apontaram como decrépita e degenerescente, teoria para gáudio nosso derrotada na última conflagração mundial e que, apesar disso, ainda sobrevive num Little Rock ou numa política de "apartheid" sul-africana.

Crete, como nós, das verdades darwinianas, o ilustrado diretor do Serviço de Documentação do D.A.S.P. mostra que são as mesmas "uma mensagem de otimismo e fé no aperfeiçoamento humano". Porque, se a

